

MONTEIRO LOBATO E ALCÂNTARA MACHADO: O IMIGRANTE ITALIANO EM MEIO À MODERNIZAÇÃO PAULISTA

Felipe Krul Bettiol¹

RESUMO: Os contos “O fisco (Conto de Natal)”, de Monteiro Lobato, e “Gaetaninho”, de Alcântara Machado, tratam do efeito da modernização urbana na vida dos imigrantes italianos em São Paulo. Posto isto, este artigo tem como objetivo aproximar as narrativas quanto à temática e aos recursos literários ao passo que aproxima seus autores, canonicamente distanciados pela historiografia literária. A partir das análises aqui apresentadas, pode-se concluir que os contos não só tratam do mesmo tema como o exploram com técnicas semelhantes, sendo um exemplo dessa adjacência o uso da linguagem cinematográfica como elemento estruturante nas duas narrativas, aproximando a produção de escritores que a história da literatura costuma afastar.

Palavras-chave: Modernidade. Modernismo. História da Literatura.

MONTEIRO LOBATO AND ALCÂNTARA MACHADO: THE ITALIAN IMMIGRANT IN THE MIDDLE OF THE MODERNIZATION OF SÃO PAULO

ABSTRACT: The short stories “O fisco (Conto de Natal)” by Monteiro Lobato and “Gaetaninho” by Alcântara Machado deal with the effect of urban modernization on the lives of Italian immigrants in São Paulo. This article aims to bring the narratives closer in terms of thematic and literary resources while bringing together their authors, canonically distanced by literary historiography. From this analyzes, it can be concluded that the short stories not only deal with the same theme, but also explore it with similar techniques, being an example of this adjacency the use of cinematographic language as a structuring element in the two narratives bringing together the production of writers who the history of literature tends to distance.

Keywords: Modernity. Modernism. History of Literature.

Introdução

A Semana de Arte Moderna de 1922 revelou uma virada no modo de fazer literatura no país, mas, antes dela, muitos autores já haviam adotado características que viriam a ser comuns em autores e idealizadores do evento que ocorreu no Teatro

¹Universidade Federal do Paraná/Doutorando em Letras – Estudos Literários. E-mail: felipekbettiol@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2396-3796>.

Municipal de São Paulo. Assim, este artigo se inscreve num esforço de reavaliação e ampliação do conceito de Modernismo brasileiro.

A crítica literária “refém da modernistolatria” costuma validar tudo aquilo associado ao Modernismo, empregando o uso de termos como “pré-modernista” e “pós-modernista” no empenho de estabelecer o evento de 22 como um divisor de águas absoluto nas letras brasileiras. Com a naturalização dessa ideia,

[...] todas as tentativas de invenção, em todos os campos, daí por diante, seriam quando muito atualizações de propostas ou de ações ou de desejos já plenamente configurados ou em Mário ou em Oswald. Fora disso, tudo era regressivo, conservador, caipira, regionalista, qualquer coisa assim de péssimo (FISCHER, 2013).

Mais do que isso, o nocivo termo “pré-modernismo”, “até hoje de livre trânsito escolar e crítico, continua a demarcar negativamente o terreno de acesso a João do Rio, Simões Lopes Neto, Lima Barreto e tantos outros” (FISCHER, 2013), como o autor de *Urupês*.

Sabendo disso, objetiva-se com este artigo analisar, aproximar e comparar os contos “O fisco (Conto de Natal)”, de Monteiro Lobato, anterior à Semana de Arte Moderna de 1922, e “Gaetaninho”, de Alcântara Machado, posterior ao mesmo evento. Aqui, explorar-se-ão que concerne aos personagens, imigrantes italianos; ao ritmo narrativo ágil e coerente com o processo de modernização urbana do período; e ao tempo e espaço, o início do século XX na cidade de São Paulo, ao passo que também se aproximará tais escritores comumente distanciados pela historiografia da literatura brasileira.

O primeiro conto, “O fisco (Conto de Natal)”, publicado originalmente na *Revista do Brasil* em 1918 sob o título de “O imposto único”, foi incluído na primeira edição do segundo livro de contos do autor, o *Cidades mortas*, de 1919. Lobato, que frequentemente reorganizava sua obra, realocou o conto na segunda edição de seu terceiro livro, *Negrinha*², de 1920, respeitando sua unidade temática e, por fim, renomeando-o como “O fisco (Conto de Natal)” (MARTINS, 2003).

²*Negrinha* foi originalmente publicado em 1920, com sua segunda edição datando 1922.

No que se refere à migração do conto de um livro para outro e ao universo que cada obra compõe, Milena Ribeiro Martins, pesquisadora das edições das obras de Monteiro Lobato, teoriza sobre a motivação do autor também se dar pelo espaço, diferente dos cenários de *Urupês* e *Cidades mortas*, pois “O fisco (Conto de Natal)”

[...] é um conto *sui generis* dentro do conjunto da produção lobatiana. Trata de um universo paulistano, descrevendo tipos que circulam pelas imediações do parque do Anhangabaú. O enredo é envolvido por um universo urbano, essencialmente diferente de Itioca e Oblivion (MARTINS, 2003, p. 262).

Esse espaço urbano representado no conto de Lobato vai ao encontro do usado em “Gaetaninho”, do livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, publicado em 1927, quase dez anos depois da publicação da narrativa lobatiana na *Revista do Brasil*. O livro de Alcântara Machado, autor que fundaria a *Revista de Antropofagia* juntamente com Oswald de Andrade, representa as transformações na modernização da cidade de São Paulo a partir da perspectiva e do cotidiano de imigrantes italianos.

Brás, Bexiga e Barra Funda, em seus paratextos editoriais em italiano, é dedicado a artistas ítalo-brasileiros no que pode ser considerada uma dedicatória motivada, “onde a motivação toma geralmente a forma de uma breve caracterização do dedicatário e/ou da obra dedicada” (GENETTE, 2009, p. 116), dado o ponto de vista das narrativas nele contidas. Depois disso, abre com o texto “Artigo de fundo”, fazendo jus a seu subtítulo jornalístico “notícias de São Paulo”. Assim, em seu prefácio, Alcântara Machado explica: “Este livro não nasceu livro: nasceu jornal. Estes contos não nasceram contos: nasceram notícias. E este prefácio portanto também não nasceu prefácio: nasceu artigo de fundo” (2003, p. 17). Dessa maneira, os gêneros conto (literário) e notícia (jornalístico) se interpenetram.

Ainda nesse texto, o autor faz um panorama das “raças” que compõem o Brasil e que deram o empurrão inicial no país: a portuguesa, a indígena e a africana. Inclui, depois disso, a italiana, citando cantos sobre esse povo e seu poder de adaptabilidade. Alcântara Machado (2003), por fim, encerra seu “Artigo de fundo” reforçando a ideia de que *Brás, Bexiga e Barra Funda* não é um livro, e sim um jornal composto por notícias reais, assinando-o como “A redação”.

Sabido isso, vejamos como os dois autores – um considerado “pré-modernista” pela História da Literatura cristalizada e outro lido por ela como modernista – tecem suas narrativas acerca da comunidade ítalo-brasileira em meio a uma São Paulo em pleno processo de modernização.

“Intalianinhos”

Os contos “O fisco (Conto de Natal)” e “Gaetaninho” têm crianças como personagens centrais numa São Paulo do início do século XX, sendo Pedrinho o protagonista do texto de Monteiro Lobato e Gaetaninho, personagem-título, o da narrativa de Alcântara Machado.

No primeiro, Pedrinho sonha em ajudar os pais a terem uma vida melhor ao construir uma caixa de engraxate com as próprias mãos e sair à rua atrás de clientes, momento em que é barrado por um fiscal da Câmara e seus pais multados pelo Fisco por seu filho exercer uma atividade profissional sem licença. No segundo, Gaetaninho sonha em andar de automóvel ou carro, resultando em um sonho literal em que se vê na boleia de um carro em cortejo fúnebre – um prenúncio de seu próprio funeral, pois no mesmo dia morre atropelado por um bonde.

Nos dois casos, o futuro do protagonista é definido por diferentes aspectos da modernização: o fiscal da Câmara e o bonde. A presença de elementos da modernidade, porém, não se limita a essas duas situações, estando evidente também na estrutura das narrativas.

O conto lobatiano, dividido em cinco partes (“Prólogo”, “O Brás”, “Pedrinho, sem ser consultado, nasce.”, “A vida” e “Epílogo? Não! Primeiro ato...”), narra o processo de modernização da cidade desde o primeiro parágrafo:

No princípio era o pântano, com valas de agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabaú, todo ele relvado, com ruas de asfalto, pérgola grata a namoriscos noturnos, a Eva de Brecheret³, a estátua dum adolescente nu que corre – e mais coisas. Autos voam pela via

³ Estátua de autoria de Victor Brecheret (1894-1955) e sua primeira obra feita para a cidade de São Paulo. Premiada na Europa em 1919, a peça é tida como uma das primeiras manifestações relacionadas à Semana de Arte Moderna de 1922.

central, e cruzam-se pedestres em todas as direções. Lindo parque, civiliadíssimo (LOBATO, 2014, p. 377).

O processo de urbanização do pântano (espaço vazio), transformando-o em cidade civilizada (excessos de objetos), traz, entre outras coisas, as ruas asfaltadas e os automóveis em alta velocidade, sendo a modernidade representada no início da narrativa de Alcântara Machado pelo mesmo elemento: “Gaetaninho ficou banzando bem no meio da rua. O Ford quase o derrubou e ele não viu o Ford” (2003, p. 20).

O automóvel, nessa última narrativa, segue sendo um elemento de destaque. Na sequência da história, por exemplo, o narrador traz à tona o sonho de Gaetaninho, comentado anteriormente: “Ali na Rua Oriente a ralé quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em dia de enterro. De enterro ou de casamento. Por isso mesmo o sonho de Gaetaninho era de realização muito difícil. Um sonho” (MACHADO, 2003, p. 20).

Dessa forma, há um contraste entre o primeiro momento, em que a modernidade quase atropela o personagem, e o segundo, em que ele anseia fazer parte do processo de modernização. Esse desejo se torna sonho quando Gaetaninho coloca “a cabeça embaixo do travesseiro” e dorme:

Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a Tia Filomena para o cemitério. Depois o padre. Depois o Savério noivo dela de lenço nos olhos. Depois ele. Na boleia do carro. Ao lado do cocheiro. Com a roupa marinheira e o gorro branco onde se lia: ENCOURAÇADO SÃO PAULO. Não. Ficava mais bonito de roupa marinheira, mas com a palhetinha nova que o irmão lhe trouxera da fábrica. E ligas pretas segurando as meias. Que beleza, rapaz! (MACHADO, 2003, p. 20).

Assim como o narrador dissera, a camada social à qual o personagem-título pertence anda de automóvel ou carro, como é o caso, somente em dia de casamento ou enterro. Seu sonho daquela noite o colocava na boleia de um carro fúnebre, com muitas pessoas “nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes” acompanhando o cortejo, acima de tudo “admirando o Gaetaninho” (MACHADO, 2003, p. 21). O momento onírico serve como um prenúncio dentro da narrativa, sendo a procissão no devaneio do protagonista a sua própria.

O “Prólogo” do conto de Lobato, por sua vez, tem função semelhante. Além de mostrar o processo de modernização da cidade através das ruas asfaltadas e dos automóveis, anuncia o desfecho da história, mas sem antes ampliar as características modernas do conto ao comparar as pessoas na cidade com o processo de fagocitose⁴ do corpo humano, trazendo, dessa forma, a ciência à mesa – o fascínio pelo discurso científico também é um elemento da modernidade.

Assim, a “rua é a artéria; os passantes, o sangue. O desordeiro, o bêbado, o gatuno são os micróbios maléficos, perturbadores do ritmo circulatório. O soldado de polícia é o glóbulo branco – o *fagócito* de Metchnikoff⁵”. Com isso, o narrador segue a comparação depois de Pedrinho, trabalhando sem licença, ser interpelado pelo Fisco e pela polícia, descrevendo as figuras de autoridade e suas atitudes de forma caricata e irônica, como no exemplo a seguir:

Este glóbulo branco era preto. [...] Aproximou-se e rompeu o magote com um napoleônico “Espalha!”.
Humildes alas se abriram àquele Sésamo, e a Autoridade, avançando, interpelou o Fisco:
– Que encrenca é esta, chefe? (LOBATO, 2014, p. 378).

Nesse caso, a ironia do narrador se faz presente nos termos “napoleônico”, “Sésamo” e “Autoridade” – os dois últimos iniciados com letra maiúscula para se referir ao policial, assim como “Bonaparte” a seguir. Depois disso, os “glóbulos vermelhos dispersaram-se em silêncio” e o polícia, “em atitude de Bonaparte em face das pirâmides, ficou [...] a gozar a prontidão com que [...] sua energia resolvera o tumor maligno formado na artéria sob a sua fiscalização” (LOBATO, 2014, p. 379). Dessa forma, encerra-se o “Prólogo”, estabelecendo a modernidade do espaço em que a história se passa e debochando da postura das figuras de autoridade agora necessárias em uma sociedade moderna, mas que abusam de seu poder.

Na seção seguinte do conto de Monteiro Lobato, “O Brás”, o narrador retoma a descrição da modernização de São Paulo. Diferentemente de outras regiões da cidade,

⁴ No sistema imunológico do corpo humano, a fagocitose é um mecanismo de remoção de restos celulares.

⁵ Ilya Ilyich Mechnikov (1845-1916) foi um biólogo russo ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina de 1908.

que ganhavam construções e projetos urbanos robustos como o Viaduto do Chá, o bairro em questão foi se modernizar de fato com a chegada da “avalanche italiana”, que trouxe consigo seu poder de adaptabilidade, como Alcântara Machado escreve em seu “Artigo de fundo”. Assim, construíram casas e

[...] o Brás cresceu, espalhou-se de todos os lados, comeu todo o barro preto da Mooca, bateu estacas no Marco da Meia Légua, lançou-se rumo à Penha, pôs de pé igrejas, macadamizou ruas, inçou-se de fábricas, viu surgirem avenidas e vida própria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro, e o curso pelo Carnaval (LOBATO, 2014, p. 380).

Posto isso, a chegada dos imigrantes italianos foi fundamental na modernização dessa parte da capital paulista, inclusive fazendo surgir com a força de sua presença fábricas e cinemas, sendo o último muito influente no modo de fazer literário da época, tornando-se característica da modernidade na literatura. Portanto, “a utilização em maior escala de processos e artefatos industriais, além de como esse diálogo entre paisagem funcional e produção cultural passaria a transformar a técnica literária, seriam marca registrada desse período” (SÜSSEKIND, 1987, p. 135).

Em “O fisco (Conto de Natal)” e em “Gaetaninho”, a influência da linguagem do cinema é parte estruturante das narrativas. Por exemplo, a divisão do conto de Lobato advém da montagem cinematográfica, aproximando o texto escrito das cenas filmicas, com transições mais visuais – as linhas em branco, muito utilizadas pelo autor, também cumprem papel de deixar a narrativa mais ágil, de modo semelhante aos recursos cinematográficos de corte e montagem.

Da mesma forma acontece em “Gaetaninho” e nos outros contos de *Brás*, *Bexiga e Barra Funda*. Alcântara Machado se apropria da linguagem dessa outra forma de arte para dinamizar sua narrativa, dividindo seu conto em cenas separadas por grandes espaços em branco. Essas marcações gráficas, visuais, são elementos de uma literatura moderna, condizente com a modernização do espaço urbano em que os personagens estão inseridos.

Sendo assim, entre

[...] os elementos mais destacadamente modernos do livro, está a sua forma narrativa, feita de pequenos blocos, que funcionam como cenas ou simples “tomadas”, como no cinema (e lembremos que o cinema, na época, era mudo, sendo as imagens o instrumento quase exclusivo da narração). Como no cinema as tomadas são “montadas”, isto é, associadas em “sequências”, separadas (ou ligadas) por “cortes”. Essa montagem é feita com muita agilidade, com muitos saltos, com algumas “fusões” e outros recursos da linguagem cinematográfica (ACHCAR, 1999, p. 12).

Isso acontece porque a literatura incorporou, além dos temas comuns à modernidade, técnicas modernas na construção de suas narrativas. Assim, o cinema passou a influenciar diretamente a criação literária (SÜSSEKIND, 1987), sendo os contos aqui analisados perfeitos exemplos desse fenômeno.

Como visto, o cinema muda o modo de fazer literário e também a vida na cidade moderna. Nos feriados,

[...] o Brás vem a São Paulo. Entope os bondes no travessio da Várzea e cá ensardinha-se nos autos: o pai, a mãe, a sogra, o genro e a filha casada no banco de trás; o tio, a cunhada, o sobrinho e o Pepino escoteiro no da frente; filhos miúdos por entremeio; filhos mais taludos ao lado do motorista; filhos engatinhantes debaixo dos bancos; filhos em estado fetal no ventre bojudo das matronas. (LOBATO, 2014, p. 381).

Assim, com os bondes e os automóveis carregados de famílias numerosas de imigrantes italianos, no cinema o “Brás abarrota os de sessão corrida. O Brás chora nos lances lacrimogênicos da Bertini⁶ e ri nas comédias a gás hilariante da L-Ko⁷ mais do que autorizam os mil e cem da entrada” (LOBATO, 2014, p. 381).

Ao lado dos bondes, automóveis e cinemas, o narrador insere o ser humano resultante do processo de modernização ao comparar o corpo das mulheres do Brás a uma máquina quando diz que elas desovam “quase filho e meio por ano, sem interrupção, até que se acabe a corda ou rebente alguma peça essencial da gestatória” (LOBATO, 2014, p. 381).

⁶Francesca Bertini (1892-1985) foi uma atriz italiana de cinema mudo e uma das mais famosas estrelas do início do século XX.

⁷A L-KO Kompany, também conhecida como L-KO Komedies, foi uma produtora de cinema responsável por curtas-metragens de comédia. Fundada por Henry Lehrman (1881-1946), esteve em atividade entre 1914 e 1919.

Nos dois contos, no entanto, a modernidade contrasta com as brincadeiras mais tradicionais das crianças. Em “O fisco (Conto de Natal)”, a criançada passa a tarde “a chutar bolas de pano, a jogar pião, ou a piorra, ou o tento de telha, ou o tabefe, com palavreados mistos de português e dialetos da Itália” (LOBATO, 2014, p. 381), assim como em “Gaetaninho”, em que uma dessas brincadeiras inclusive leva ao desfecho da narrativa.

Enquanto ele e seus amigos brincam na calçada em um jogo que “parecia de vida ou morte”, já anunciando os próximos acontecimentos, o protagonista pergunta a Beppino, um de seus colegas:

- Você conhecia o pai de Afonso, Beppino?
- Meu pai deu uma vez na cara dele.
- Então você não vai amanhã no enterro. Eu vou! (MACHADO, 2003, p. 21).

No diálogo acima, há outro prenúncio da futura morte de Gaetaninho: falando sobre o enterro do pai de um companheiro, o personagem-título diz que seu amigo não vai a esse evento, mas que ele sim, sendo o enterro em questão seu próprio, e a sequência do jogo na calçada é determinante para isso.

As crianças, jogando futebol com uma bolinha de meia, semelhante à brincadeira narrada no conto lobatiano, reorganizam-se e Gaetaninho assume a posição de goleiro, pronto para a defesa quando

Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu o guardião sardento e foi parar no meio da rua.
[...]
Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou (MACHADO, 2003, p. 22).

A morte anunciada em sonho enfim acontece e evidencia no conto de Alcântara Machado um embate entre o tradicional e o moderno. Em meio a uma brincadeira de rua, o bonde, representação da modernidade, fere o já estabelecido e o mata. Apesar de essa ser uma discussão própria da modernização, é importante salientar que a

“coexistência do arcaico e do moderno marcando distintas temporalidades era uma realidade na vida cultural brasileira” (VELLOSO, 2010, p. 28).

No dia seguinte,

[...] saiu um enterro da Rua Oriente e Gaetaninho não ia na boleia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha (MACHADO, 2003, p. 22).

Sendo assim, a roupa imaginada por ele em seu sonho se cumpriu quase por completo, faltando somente a palhetinha, e quem “na boleia de um dos carros do cortejo mirim exibia soberbo terno vermelho que feria a vista da gente era o Beppino”, que foi a um enterro, ao contrário do que antecipou, e realizou o sonho de Gaetaninho que o choque contra o veículo moderno interrompeu. Nesse caso, o automóvel representa, metonimicamente, os perigos do processo de modernização para a vida humana.

No conto de Monteiro Lobato, no que lhe diz respeito, a modernidade vem a gerar vida e depois a interferir nela. Na narrativa, o cinema – também elemento de destaque – é pano de fundo para os apaixonados: “Durante o escuro das fitas, nos cinemas, há contatos, longos, febricitantes; e quando nos intervalos irrompe a luz, não sabem os namorados o que se passou na tela – mas estão de olhos languês, em quebreira de amor” (LOBATO, 2014, p. 382).

Assim, depois de descrever um encontro entre um casal, o narrador insere a seção mais célere do conto, intitulada “Pedrinho, sem ser consultado, nasce.”. Nessa parte, a linguagem rápida, veloz, em frases curtas e parágrafos igualmente curtos, é condizente com o ritmo ágil da vida moderna, assim como a separação dela dentro do conto, como uma cena isolada, estruturalmente influenciada pelo cinema:

PEDRINHO, SEM SER CONSULTADO, NASCE.
Viram-se, ele e ela. Namoraram-se. Casaram.
Casados, proliferaram.
Eram dois. O amor transformou-os em três. Depois em quatro, em cinco, em seis...
Chamava-se Pedrinho o filho mais velho. (LOBATO, 2014, p. 382).

Esse segmento bem-humorado, então, inicia-se e se encerra assim, desaguando no nascimento dos filhos e na próxima e penúltima seção: “A vida”, retrato de uma existência miserável, principiando desta maneira:

De pé na porta a mãe espera o menino que foi à padaria. Entra o pequeno com as mãos abanando.

– Diz que subiu; custa agora oitocentos.

A mulher, com uma criança ao peito, franze a testa desconsolada.

– Meu Deus! Onde iremos parar? Ontem era a lenha; hoje é o pão... Tudo sobe. Roupa, pela hora da morte. José ganhando sempre a mesma coisa. Que será de nós, Deus do céu! (LOBATO, 2014, p. 383).

A condição da família de Pedrinho é também consequência das desigualdades sociais não superadas pela modernização, pois as tentativas dos pais do protagonista de melhorarem sua vida com “indústrias caseiras”, por exemplo, foram interrompidas pela licença exigida pelo funcionário responsável pela coleta dos impostos – que só passou a existir com a modernização. Além disso, a crueldade da modernidade figura na comparação da vida cotidiana com uma máquina destruidora na seguinte passagem: “A vida era um jogo de engrenagens de aço entre cujos dentes se sentia esmagar. Inútil resistir” (LOBATO, 2014, p. 384).

À noite, Pedrinho ouve uma conversa entre os pais, que o veem como uma esperança de vida melhor. Ele ouve, constrói sua caixa de engraxate – a mesma do “Prólogo” – e inocentemente sonha com riquezas, automóveis e doces todas as tardes na confeitaria. Entretanto, assim como os pais, é barrado pelo Fisco, que o leva para casa para cobrar uma multa de seus progenitores.

É desse modo que se inicia a última parte do conto, “Epílogo? Não! Primeiro ato...”, havendo no título dessa parte um jogo com a dramaturgia, da qual o autor se apropria da divisão comum a uma peça de teatro para fazer um trocadinho e subverter o epílogo romanesco. Essa é apenas a primeira de muitas frustrações na vida de Pedrinho, com o fiscal da Câmara exigindo o pagamento da multa por seu exercício profissional ilegal e com sua mãe em prantos:

– Não me venha com lamúrias – rosnou o buldogue –; conheço o truque dessa aguinha nos olhos. Não me embaça, não. Ou bate aqui os

vinte mil-réis, ou penhoro toda esta cacaria. Exercer ilegalmente a profissão! Ora dá-se! E olhe cá, madama, considere-se feliz de serem só vinte. Eu é de dó de vocês, uns miseráveis; senão, aplicava o máximo. Mas se resiste dobro a dose! (LOBATO, 2014, p. 386).

A crueldade e insensibilidade do processo de modernização são expressas na fala do agente, que ameaça aumentar o valor da multa caso haja mais comoção. Assim, a mãe de Pedrinho reúne todo o dinheiro que havia guardado por meses para uma possível emergência de saúde, dezoito mil-réis, e entrega ao fiscal da Câmara:

– É o que há – murmurou com tremura na voz.
O homem pegou o dinheiro e gostosamente o afundou no bolso, dizendo:
– Sou generoso, perdoo o resto. Adeuzinho, amor!
E foi à venda próxima beber dezoito mil-réis de cerveja. (LOBATO, 2014, p. 386).

Essa última informação muda a hipótese de que os miseráveis estavam pagando por algo necessário à sobrevivência do Estado e insere no texto uma crítica à corrupção e à imperfeição do exercício do poder público. Com isso, Pedrinho, assim como Gaetaninho, tem seus sonhos interrompidos por um elemento da modernidade, sendo, ainda, punido: “Enquanto isso, no fundo do quintal, o pai batia furiosamente no menino” (LOBATO, 2014, p. 386), replicando a violência do representante do Estado contra seus pais.

Considerações finais

A partir da análise e da aproximação dos contos “O fisco (Conto de Natal)”, de Monteiro Lobato, e “Gaetaninho”, de Alcântara Machado, foi possível constatar a influência e a interferência da modernização do espaço urbano na vida de seus personagens –os imigrantes italianos – e identificar uma série de características modernas em seus procedimentos de construção literária.

Sendo assim, a intervenção da modernidade na vida dos protagonistas dos dois autores é narrada com recursos literários condizentes com o período de mudança em que

os contos se situam, sendo a técnica de ambos os textos especialmente influenciada pela linguagem cinematográfica, num ritmo narrativo ágil e entrecortado.

Além disso, elementos característicos da modernização, como os automóveis, fazem parte da cidade de São Paulo do início do século XX, onde temos o novo e o velho dividindo espaço e dialogando, também dentro dos contos, de forma significativa.

Por último e não menos importante, pode-se, depois de uma leitura mais cuidadosa, aproximar a produção dos dois autores frente a um discurso historiográfico que costuma afastá-los, seja por prefixos ou preconceitos consolidados na crítica literária brasileira.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. Apresentação e notas. In: MACHADO, A. *Brás, Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo*. São Paulo: Objetivo, 1999.

FISCHER, Luís Augusto. Refêns da modernistolatria. *Revista Piauí*, v. 1, n. 80, maio, 2013. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/refens-da-modernistolatria/>.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LOBATO, Monteiro. *Contos completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

MACHADO, António de Alcântara. *Contos reunidos: Brás, Bexiga e Barra Funda, Laranja da China e outros contos*. São Paulo: Ática, 2003.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VELLOSO, Monica Pimenta. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Recebido em: 22 dez. 2021.

Aceito em: 27 fev. 2022.